

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

CIÊNCIAS ECONÔMICAS

MBA EM CONTROLADORIA E FINANÇAS

EDSON CRUZ LUQUE

PERCEPÇÃO DE JOVENS SOBRE
PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL E INFLAÇÃO

São Leopoldo

2015

EDSON CRUZ LUQUE

PERCEPÇÃO DE JOVENS SOBRE
PLANEJAMENTO FINANCEIRO E INFLAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para a conclusão do curso de MBA CONTROLDORIA E FINANÇAS.

Orientador: Prof. Ana Maria Tagliari

São Leopoldo

2015

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	4
1.2 OBJETIVOS.....	5
1.2.1 Objetivo Geral	5
1.2.2 Objetivos Específicos	5
1.3 JUSTIFICATIVA.....	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 INFLAÇÃO.....	6
2.2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL.....	6
3 METODOLOGIA	8
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	8
3.2 UNIDADE DE ANÁLISE.....	9
3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	9
3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS.....	9
3.5 LIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	10
4 DESENVOLVIMENTO	10
4.1 AÇÕES ATUAIS DE JOVENS EM RELAÇÃO AO PLANEJAMENTO FINANCEIRO	10
4.2 CONHECIMENTO DE JOVENS A RESPEITO DA INFLAÇÃO.....	11
4.3 A PERCEPÇÃO DE JOVENS EM RELAÇÃO AOS IMPACTOS DE PERÍODOS INFLACIONÁRIOS.....	14
4.4 CONCLUSÕES.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	15

1 INTRODUÇÃO

Nas décadas de 80 o Brasil passou por vários planos econômicos que tinham o objetivo de reduzir drasticamente a inflação que assolava o país não gerando condições de crescimento. Os planos receberam muitos nomes, Plano Cruzado, Plano Verão, no início dos anos 90 foi implantado o plano Real, que com bases mais realistas e com estruturação fundamentada conseguiu devolver ao brasileiro a condição de saber o valor da moeda e iniciar um planejamento a longo prazo.

Agora com as estruturas econômicas perdendo rapidamente as condições estabelecidas pelo Plano Real, que comprometem o crescimento e o desenvolvimento, temos no mercado uma geração que nasceu sem vivenciar em períodos inflacionários, com a tecnologia permitindo acessos instantâneos e não acostumada e ter que esperar, a calcular, a planejar, as chamadas gerações X e Y.

Os planos econômicos formulados no Brasil durante a década de 1980 geraram várias reações na população, conforme Leitão (2011):

As famílias sofreram nos planos e no avesso dos planos. A convivência com preços que subiam diariamente era tão intolerável e empobrecedora, tão cansativa e ameaçadora, que os brasileiros se empolgavam a cada nova chance de vitória. Acreditavam que daria certo e se armavam de máquinas de calcular e blocos de anotação para registrar os preços, vigiar seus passos, denunciar suas manobras, defender o orçamento doméstico.

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A geração de jovens nascidos entre os anos 1985 e 2000 não conviveram com as incertezas da economia, planos econômicos, inflação e principalmente com o controle sobre as despesas correntes sejam pessoais, na família e nas empresas. Neste mesmo período a tecnologia avançou de forma abrupta e esta geração se acostumou ao imediatismo, ao instantâneo, estando agora no mercado de trabalho e pensando de forma diferente sobre tudo, teriam condições de pensar o que é

planejamento e o que é perda, que estas incertezas, inseguranças pela instabilidade econômica, agora, trazem para o dia-a-dia uma mudança de visão de futuro.

Desta forma, a questão que fundamenta este estudo é: Qual a percepção de jovens sobre inflação, planejamento financeiro pessoal e qual a forma como enxergam o ambiente econômico atual?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Avaliar a percepção de jovens, através de estudo exploratório, sobre inflação, planejamento financeiro pessoal e a forma como enxergam o ambiente econômico atual.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral serão necessárias as seguintes etapas:

- Verificar as ações atuais dos jovens selecionados em relação ao planejamento financeiro.
- Avaliar o seu conhecimento a respeito da inflação
- Analisar sua percepção em relação aos impactos de períodos inflacionários.

1.3 JUSTIFICATIVA

Pelo momento econômico atual, pelo cenário que se desenha, existe a necessidade de mudança da percepção, da visão de futuro e impactos que temos com estas variáveis que são novidades para esta geração de jovens. A maior preocupação deste artigo está em poder dimensionar esta percepção e proporcionar estudos mais aprofundados em um futuro breve, alertá-los sobre os perigos de não cuidar dos aspectos financeiros pessoais e que evite as surpresas que muitos de nós já vivemos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INFLAÇÃO

A inflação tem efeitos nocivos sobre a economia como um todo e é perversa com as camadas mais pobres da população que não tem como se defender pois vive praticamente de salário, sem condições de acesso ao sistema financeiro nas áreas de investimento. Muitas definições são dadas à inflação desde a base teórica até os ditados populares, para citar alguns, “ *inflação é quando sobra mês no seu salário*”, “ *sabemos que a inflação está subindo quando o dinheiro deste mês acaba antes do que acabava o mês passado*”.

Conforme Bacha (2004), “A inflação é conceituada como a situação de aumentos contínuos e generalizados dos preços de bens e serviços em uma economia”

Como dado de referência da permissividade da inflação que leva ao caos ao longo dos anos se não for enfrentada de forma dura, direta e com medidas definitivas, e conforme Leitão (2011), “[...] inflação acumulada pelo IGP-DI de Julho de 1964 a Julho de 1994, 1.302.442.989.947.180,00%, simplificando 1 quatrilhão e 302 trilhões”.

Quem tem a responsabilidade de garantir o poder de compra da moeda nacional é o Banco Central do Brasil – BACEN, criado em 31 de Dezembro de 1964 através da Lei 4.595, tendo vários objetivos para que isto se torne realidade. Garantir o poder de compra da moeda significa manter a inflação controlada dentro de limites estabelecidos.

O BACEN tem sede em Brasília e é o principal executor das orientações do Conselho Monetário Nacional.

2.2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

No Brasil a educação financeira é muito baixa, fruto de nossa memória inflacionária, de acordo com Leitão(2011), “[..] a inflação provocou um sofrimento nas famílias, a desordem na contabilidade das empresas, a incapacidade absoluta de fazer qualquer previsão ou planejamento ,tudo ficou insuportável”, com estes índices

estratosféricos, a busca é pela sobrevivência diária, sobrando pouco ou nada para planejamento, realidade que deveria estar mudando com a estabilidade da economia, condições de endividamento a longo prazo em condições conhecidas mas a verdade não é esta, não temos histórico, os jovens deverão começar praticamente do zero e por sua própria conta.

Outra condição que torna a situação mais complicada é que com a mudança da pirâmide social, cada vez menos pessoas contribuirão para a aposentadoria, o que levará o país a alterar cada vez mais a forma de cálculo das aposentadorias, tornando cada vez mais difícil obter esta renda que ao longo do tempo se entendeu como um direito, o que é verdade, mas mutável aos momentos econômicos, que serão cada vez mais difíceis. Isto reforça ainda mais a necessidade de termos um planejamento financeiro montado, preparado para as adversidades, como nos mostra Cerbasi (2014):

Nossa sociedade nos ensinou a fazer planos de trabalho, mas não para viver bem posteriormente. Não importa qual seja a sua idade: os planos para o que você fará quando atingir a idade em que a maioria estiver se aposentando deveriam fazer parte de suas reflexões desde o momento em que você escolheu sua profissão. Com a aposentadoria, nasce uma nova etapa da vida, com transformações que afetam as pessoas sob diversos aspectos. Mudam os relacionamentos, a saúde, as finanças, e outras áreas. Quando somos descuidados, o resultado é bastante conhecido de todos nós. Com o devido planejamento, porém, as alterações em todos estes aspectos são para melhor.

Ainda nesta linha de pensamento, comenta Nakata(2012):

Segundo recente pesquisa divulgada pelo Serasa Experian de Educação Financeira do Consumidor com 2.002 pessoas consultadas em 142 cidades de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal no primeiro trimestre de 2013 mostra que 48% dos brasileiros não fazem nenhum tipo de investimento pensando em sua aposentadoria. Uma das razões que podem explicar essa falta de interesse pelos assuntos relacionados ao dinheiro e poupança é o histórico de hiperinflação que passamos antes de 1994, mas também porque nosso país por mais falta de segurança e mazelas que tenha não passou por guerras, epidemias, terremotos, tsunamis como em outros países, ou seja, vivemos numa terra abençoada e por isso propicia ao comodismo e ao desleixo com relação ao nosso futuro financeiro. Uma das coisas que me chamou a atenção nesse levantamento é que somente

2% possui algum tipo de Previdência Complementar e os outros 98% ou receberão o salário integral ao se aposentarem como funcionários públicos ou estarão à deriva vivendo abaixo de seu padrão de vida construído a duras penas ao longo de 35 anos de trabalho duro. Infelizmente isso é fruto de uma matéria que ainda não é ensinada nas escolas chamada Educação Financeira e que juntamente com português, matemática, inglês, etc Deveria há muito tempo fazer parte da grade escolar das escolas, sejam elas públicas ou privadas.

Gunther (2003) afirma, “que o planejamento de longo prazo é ir às cegas se você fincar raízes em seu planejamento e não reorientá-lo de tempos em tempos, afinal os cenários mudam completamente em 30-40 anos”.

Tanto Cerbaci como Nakata concordam que o planejamento financeiro é o caminho para a possível independência financeira, já Gunther entende que ele é útil mas deve ser revisitado de tempos em tempos, e revisado segundo a realidade que se apresenta no momento. O alinhamento mais natural do autor deste artigo é com o pensamento do Gunther, devemos ter nosso norte e ajustar as velas conforme o vento, estar aberto às novas regras de investimento, direcionamento alinhado ao estilo mas sem estar em um padrão pré-estabelecido.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa se deu através de estudo exploratório. Segundo Gil, (2008), estudo exploratório visa proporcionar maior familiaridade com o problema, pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado e geralmente assume a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso.

3.2 UNIDADE DE ANÁLISE

A pesquisa envolveu dois profissionais que realizaram o MBA – Controladoria e Finanças 2014/1, um da área financeira e um analista de performance e, ainda, um profissional liberal da área Jurídica / tributária, todos eles da cidade de Porto Alegre.

A escolha de profissionais que realizaram o MBA se deu por terem acesso às informações sobre estes temas durante o curso e representam uma amostra de 10% dos alunos do curso e a profissional da área jurídica por prestar serviços no campo tributário, que também sofre impactos com o novo possível cenário inflacionário.

Os jovens entrevistados têm o seguinte perfil:

Entrevistado 1	32 anos, Pós graduada, Advogada Plena, Porto Alegre.
Entrevistado 2	29 anos, Pós graduada, Analista Senior de Orçamento e Performance, Porto Alegre.
Entrevistado 3	25 anos, Pós graduada, Analista financeira, Porto Alegre.

3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita por entrevista direcionada, com perguntas pré-elaboradas, enviadas por e-mail com previa autorização dos entrevistados. Esta forma me permitiu ter, nas palavras dos entrevistados, a percepção sobre a questão deste estudo.

3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

Neste estudo foi usada a técnica de comparação entre as respostas dos entrevistados, como define Vergara (2000), a análise de conteúdo é considerada uma

técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema.

3.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO E ESTUDO

O estudo é limitado pelo número de pessoas entrevistadas, pela cidade escolhida, o resultado é direcionado exclusivamente em relação aos entrevistados, não podendo ser generalizados.

Segundo Vergara, (2000), todo método tem possibilidade e limitações, por limitações entende-se as fronteiras concernentes a variáveis, ao que será abordado, ao corte, ao período de tempo e ao objeto de investigação.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Foi realizada a comparação entre as respostas de cada entrevistado para uma melhor percepção de cada um deles, de sua posição sobre os períodos passados e o que pensam para o futuro para o tema desenvolvido neste artigo.

4.1 AÇÕES ATUAIS DOS JOVENS EM RELAÇÃO AO PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Questão nº 1: Você tem e aplica planejamento financeiro?

Entrevistado 1	Sim, através de tabela de Excel.
Entrevistado 2	Não tenho. Mas acompanho minhas despesas, atualizando num aplicativo do celular sempre que gasto. Assim conforme forem os dispêndios, dou uma segurada.
Entrevistado 3	Tenho e aplico

O que se pode perceber nestas respostas independente de ter ou não planejamento financeiro é o entendimento de que planejamento financeiro é controle de despesas, isso provavelmente dificulta o correto direcionamento das finanças ao longo do tempo, estão reativos e não proativos.

Questão nº 2: Você considera razoável quando faz investimentos e te informam que o rendimento sugerido supera a taxa paga pela caderneta de poupança?

Entrevistado 1	Não faço outros investimentos que não seja poupança.
Entrevistado 2	Quando eu tiver um, acredito que seja a taxa de retorno da aplicação que eu vou fazer. Atualmente fica na poupança.
Entrevistado 3	Não acho um bom indicador comparar o rendimento com a taxa da poupança, em função do baixo rendimento deste tipo de aplicação.

Estamos todos na era da informação, com acesso a todo tipo de respostas, comparações, etc., os entrevistados se mostram conservadores e com desconhecimento das perdas que a poupança tem quando comparado à inflação, o custo do dinheiro não está sendo levado em conta, é como se não houvesse outras formas de investimento no mercado.

4.2 CONHECIMENTO DOS JOVENS SOBRE INFLAÇÃO

Questão nº 3: O Brasil passou por vários planos econômicos durante a década de 80 e no começo da década de 90, do que você se lembra efetivamente em relação a estes planos e qual o seu entendimento hoje sobre eles?

Entrevistado 1	<p>Década de 80 lembro plano Cruzado do Sarney. Lembro que se comprava e se fazia estoque de alimentos, pois todos os dias havia reajuste de preços nos supermercados.</p> <p>Década de 90 lembro do plano real, realizado pelo FHC no governo do Itamar Franco, e que foi criada a unidade real de valor no qual se convertia valores para a nova moeda Real.</p>
Entrevistado 2	<p>Não tenho lembrança de ter vivenciado eles. Mas lembro dos meus pais que compraram uma casa em 1990. Eles são alfaiate e costureira. Pagaram parte da casa com uma moto que meu pai ganhou num sorteio, um pedaço de terra que minha mãe ganhou na partilha das terras da minha vó (que não era grande coisa) e parte em dinheiro, em algumas prestações, foi sofrido, mas eles conseguiram. Hoje não conseguiriam com a renda que tem, mantendo a profissão. Hoje eu quero comprar um apartamento, minúsculo, e não tenho renda. Isso que vou usar FTGS para entrada e parcelar o resto em uns 360 meses. Tô morrendo de medo de fazer uma dívida desse tamanho corrigida com uma taxa altíssima, e amanhã a inflação descontrolar e eu não ter como pagar. Ou ser demitida.</p>
Entrevistado 3	<p>Minha principal lembrança é sobre o plano real, em função da mudança da moeda, equiparação com o dólar durante um curto período de tempo e controle da inflação.</p>

As respostas direcionam ao plano real, reajuste de preços e um quase pânico do entrevistado nº 2, que tem uma maior percepção dos efeitos econômicos que tivemos e poderemos viver em breve, infelizmente.

Questão nº 4: Qual a sua percepção sobre o que é inflação?

Entrevistado 1	<p>A inflação é o processo de aumento generalizado dos preços dos bens e serviços transacionados na economia, resultado de uma contínua perda do poder aquisitivo da moeda.</p>
Entrevistado 2	<p>Inflação é o aumento generalizado dos preços.</p>
Entrevistado 3	<p>Aumento dos preços, e redução do poder aquisitivo.</p>

Se pode perceber que o conceito é conhecido, fica a impressão que foi transcrito de algum livro, como ponto positivo, tem-se conhecimento do conceito.

Questão nº 5: Qual o seu entendimento quando houve que a inflação está voltando? Alguma sensação em especial?

Entrevistado 1	Lembro da infância e da família ter que fazer estoque de comida, pela inconstância de preços e desvalorização da moeda.
Entrevistado 2	Apesar de não ter idade para entender o que era a inflação antes do Real, sinto um pavor absurdo. Atualmente estou lendo o livro “A saga brasileira” da Miriam Leitão, onde ela descreve a busca do povo brasileiro por uma moeda descente. E ela descreve coisas que eu não imaginava. É assustador.
Entrevistado 3	Para mim demonstra mais um ciclo econômico, como toda economia gira em torno de períodos de desenvolvimento e recessão, a inflação é um dos indicadores que demonstram e refletem a situação do país. No momento de crise econômica que vive o Brasil, a inflação irá atuar na subida generalizada dos preços e teremos que nos adaptar ao momento até que a situação seja contornada com investimentos e a volta do crescimento da economia.

Como comentado na questão nº 4, o conceito de inflação é conhecido, quando comparado esta resposta com a dos investimentos, não é feita esta relação direta, se entende que o psicológico de cada um, por memória familiar e acesso a informação os mantenham ainda como conservadores. A entrevistada nº 2, nesta resposta, mantém um nível de quase pânico das respostas anteriores, o medo pode paralisar e torná-la muito mais conservadora em suas análises de investimentos. Ainda da entrevistada nº 2, que estava lendo o livro de Leitão (2011), fui pesquisar, no livro, dados que contribuíram com este artigo.

4.3 A PERCEPÇÃO DOS JOVENS EM RELAÇÃO AOS IMPACTOS DE PERÍODOS INFLACIONÁRIOS

Questão nº 6: Períodos inflacionários e o custo do dinheiro, significa o quê para você?

Entrevistado 1	Que as coisas estão caras e o dinheiro desvalorizou.
Entrevistado 2	Que ele perde valor no tempo devido à inflação. Ele sofre correções.
Entrevistado 3	Taxa básica de juros e inflação.

Se pode perceber o desconhecimento quase total quanto ao impacto dos períodos inflacionários, uma ou outra palavra que se relaciona com a pergunta. O custo do dinheiro já se percebe mais palpável para os entrevistados porém sem correlação entre um e outro.

De maneira geral o próprio despertar para o mundo dos investimentos é baixo, fica muito claro a necessidade desta geração ter esclarecimentos no curto prazo sobre investimentos, planejamento financeiro pessoal e relativização entre investimentos x inflação enfim, taxa de retorno efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, quando de sua concepção, minha percepção era de que os jovens não conheciam a realidade de planejamento financeiro por ser uma característica própria do brasileiro, que usa de artifícios para atingir seus objetivos, quase sempre de forma não planejada. O que mais me chamou a atenção é que profissionais que trabalham em áreas financeiras a muitos anos, com conhecimento teórico e prático sobre o valor do dinheiro também não tem planejamento, isso é muito grave, por estarmos na era da informação rápida, com acessos instantâneos, continuamos sendo analógicos em época digital.

O problema da pesquisa foi respondido e os objetivos geral e específicos foram atingidos, com clara informação de que os jovens, em caso de um surto inflacionário

sofrerão e muito com suas expectativas não atendidas da forma como estão acostumados, pela inexistência de memória inflacionária que com certeza jogarão a realização de seus planos para um futuro e que talvez não seja alcançado.

Como conclusão do estudo existe a urgência da inserção destes jovens ao mundo do planejamento financeiro e redução dos impactos inflacionários em seus investimentos, quando houver. De forma geral, é premente a necessidade de trazeremos estes jovens para o mundo do planejamento financeiro pessoal, da busca de alternativas de investimentos com taxa de retorno superiores aos da poupança e principalmente que os coloquem com os pés no chão quanto a realidade econômica brasileira em um futuro bem próximo.

O desenvolvimento do estudo contribuiu com um alinhamento que quero fazer em uma nova linha de carreira, a de coaching direcionado ao aspecto financeiro, direcionado aos jovens que são loucos por informação e necessitam da vivência dos que já passaram por isso, desta forma entendo que o estudo através das entrevistas me ajuda a montar um plano de trabalho e direcionamento.

O estudo tem limitações pelo número de entrevistas mas de forma não orientada ele representa bem o universo dos jovens visto que em conversas informais o problema existe, é claro e não é trabalhado por este público, como disse acima, uma oportunidade para que possa ser desenvolvido como alternativa de carreira.

REFERÊNCIAS

BACHA, Carlos Alberto Caetano, **Economia**: Macroeconomia aplicada à análise da realidade brasileira, São Paulo, EDUSP, 2004.

CERBASI, Gustavo, **Finanças**: Adeus, aposentadoria, São Paulo, Sextante, 2014.

GIL, Antonio Carlos, **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, São Paulo, Atlas, 2008.

GUNTHER, Max, **Finanças**: Os Axiomas de Zurique, São Paulo, Record, 2003.

LEITÃO, Miriam, **Economia**: Saga Brasileira, São Paulo, Record, 2011.

NAKATA Rogerio, Planejador Financeiro Pessoal e Familiar, **Finanças**: www.economiacomportamental.com.br

VERGARA, Sylvia Constant, **Administração**: Relatório de Pesquisa em Administração, São Paulo, 2000.

Banco Central do Brasil, www.bcb.gov.br

